

Mnemosyne kai Sophia

José Augusto Ramos
Nuno Simões Rodrigues (coords.)

LOTINO E HOMERO: UM ESTUDO FILOSÓFICO DA INFLUÊNCIA HOMÉRICA NAS ENÉADAS DE LOTINO

DAVID G. SANTOS
Universidade da Beira Interior
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa
Centro de História da Universidade de Lisboa

A questão da influência de Homero em Plotino seria certamente de somenos importância não fosse o *Index Fontivm* de Paul Henry e Hans-Rudolf Schwyzer assinalar 51 referências homéricas nos *Plotini Opera*¹. Atestando esta inegável relevância da literatura épica de Homero² no interior da obra e vida de Plotino, importa ainda anotar o simples facto de que Porfírio, na sua biografia de Plotino, remete cinco vezes para a *Iliáda* e quatro vezes para a *Odisseia* a propósito do oráculo de Apolo. Ainda na esteira desta biografia, é, a meu ver, importante relevar ainda Vincenzo Cilento que enfatizou bem como a citação da *Iliáda* 8.282, atribuída a Plotino por Porfírio durante uma reunião (Porph. *Vit. Plot.* 15.17), atesta a '*diretta lettura di Omero, da parte di Plotino*³, especialmente quando se trata de uma passagem que não está disponível em parte nenhuma da obra platónica.

A influência de Homero na obra de Plotino tem sido ao longo do tempo praticamente ignorada pelos especialistas em geral. Em 2002, Richard Dufour, no seu repertório bibliográfico massivo de Plotino entre 1950-2000, aponta apenas três referências bibliográficas que remetem para o tratamento da questão da influência homérica no *corpus* plotiniano.

No panorama histórico geral da interpretação do texto plotiniano os dois tratamentos mais sistemáticos da questão da influência homérica em Plotino foram apresentados em 1989 por Robert Lambertson num subcapítulo que dedica à questão no seu *Homer the Theologian*⁴ e em 1957, por Vincenzo Cilento numa conferência editada no monumental volume *Les Sources de Plotin*.⁵

No trabalho que tenho vindo a desenvolver durante a minha investigação, tenho procurado analisar e discutir de forma sistemática cada uma das passagens de Plotino que aludem a Homero. Com o presente estudo, pretendo avançar apenas parte do meu trabalho: no plano desta investigação pretendo aqui tratar de forma sistemática apenas a questão homérica na quinta *Enéada*

¹ Henry, Schwyzer (1964-1982) 344-345.

² Uso o termo «Homero» para descrever o poeta autor da *Odisseia* e da *Iliáda* como mera conveniência. Para uma discussão técnica recente deste assunto, *vide* West (1999) 364-382.

³ Cilento (1957) 277.

⁴ Lambert (1989) 83-108.

⁵ Cilento (1957) 245-307.

de Plotino, oferecendo no final uma ponderação geral da sua influência na totalidade do *corpus* plotiniano.

Em primeiro lugar quero relevar bem que Homero é o terceiro autor mais aludido por Plotino logo a seguir a Platão e Aristóteles; a questão que aqui trago parte de um único pressuposto científico e metodológico que passo enunciar: se é verdade que Homero é amiúde citado na antiguidade tanto arcaica, clássica ou tardia Grega, esta sua amniótica omnipresença ganha um sentido reforçado em Plotino dadas as características com que é introduzido e o contexto que rodeia esta aproximação ao autor arcaico. O que o presente estudo procura defender é que a emergência de Homero em Plotino não é de maneira alguma neutra e traz consigo, por conseguinte, um determinado sentido carregado de significado ideológico profundo.

Este trabalho trata com o devido pormenor das referências a Homero na quinta *Enéada* de Plotino, anotando-as com o rigor e retirando ilações sistemáticas das suas aparições.

A quinta *Enéada* é o conjunto de tratados de Plotino com mais referências a Homero. Na sua totalidade são onze alusões – entre elas penso que estão algumas das mais fundamentais e representativas da influência homérica sobre o texto plotiniano.

| Plot., <i>Enn.</i> 5. 1. [10] 2. 14-17. | Hom., <i>Od.</i>, 12. 420-421. |
|--|--|
| Ἦσυχον δὲ αὐτῇ ἔστω μὴ μόνον τὸ περικείμενον σῶμα καὶ ὁ τοῦ σώματος κλύδων, ἀλλὰ καὶ πᾶν τὸ περιέχον ἦσυχος μὲν γῆ, ἦσυχος δὲ θάλασσα καὶ ἀήρ καὶ αὐτὸς οὐρανὸς ἀμείνων. | αὐτὰρ ἐγὼ διὰ νηὸς ἐφοίτων, ὄφρ' ἀπὸ τοίχους λῦσε κλύδων τρόπιος· τὴν δὲ ψιλὴν φέρε κῦμα. |
| Plot., <i>Enn.</i> 5. 1. [10] 2. 23-27. | Hom., <i>Il.</i>, 20. 61-65. |
| Ὅ δὲ κινηθεὶς κίνησιν αἰδίον ὑπὸ ψυχῆς ἐμφρόνως ἀγούσης ζῶον εὐδαιμον ἐγένετο, ἔσχε τε ἀξίαν οὐρανὸς ψυχῆς εἰσοικισθείσης ὦν πρὸ ψυχῆς σῶμα νεκρὸν, γῆ καὶ ὕδωρ, μᾶλλον δὲ σκότος ὕλης καὶ μὴ ὄν καὶ ὁ στυγέουσιν οἱ θεοί, φησί τις. | ἔδρισεν δ' ὑπένερθεν ἄναξ ἐνέρων Ἀιδωνεύς, δείσας δ' ἐκ θρόνου ἄλτο καὶ ἴαχε, μὴ οἱ ὕπερθε γαῖαν ἀναρρήξειε Ποσειδάων ἐνοσίχθων, οἰκία δὲ θνητοῖσι καὶ ἀθανάτοισι φανείη σμερδαλέ' εὐρώνετα, τὰ τε στυγέουσι θεοί περ· |
| Plot., <i>Enn.</i> 5. 1. [10] 3. 1-4. | Hom., <i>Il.</i>, 1. 154-157. |
| Οὕτω δὴ τιμίον καὶ θείου ὄντος χρήματος τῆς ψυχῆς, πιστεύσας ἦδη τῷ τοιοῦτῳ θεὸν μετιέναι μετὰ τοιαύτης αἰτίας ἀνάβαινε πρὸς ἐκείνον· πάντως που οὐ πόρρω βαλεῖς· οὐδὲ πολλὰ τὰ μεταξὺ. | οὐ γὰρ πώποτ' ἐμὰς βοῦς ἦλασαν οὐδὲ μὲν ἵππους, οὐδέ ποτ' ἐν Φθίῃ ἐριβώλακι βωτιανείρῃ καρπὸν ἐδηλήσαντ', ἐπεὶ ἦ μάλα πολλὰ μεταξὺ οὐρεά τε σκιόεντα θάλασσά τε ἠχίησσα· |

As três primeiras referências homéricas na quinta *Enéada* correspondem a usos esvaziados do contexto; na primeira passagem temos uma alusão literária

que, antes de ter um significado alegórico, é um uso estilístico pontual do texto de Homero talvez também em parte, colhido do *Timeu* de Platão em 43b5: κλύδων, o mar agitado serve em Plotino para descrever não a cólera divina sobre os mortais – como em Homero – mas para descrever metaforicamente a necessidade da alma se olhar a si mesma, livre da ilusão e estabelecida na tranquilidade (ἡσυχος).

A segunda referência é em tudo semelhante à primeira: descontextualizada a passagem que em Homero caracterizava a morada de Posídon, Plotino, aqui respeitando o carácter negativo do original, usa a citação para caracterizar a σκότος ὕλης καὶ μὴ ὄν. A ligação que Plotino estabelece aqui, concretiza de forma subtil uma lição platónica: a associação do não ser, do devir da matéria e da sua escuridão àquilo que é remoto da luminosidade do divino faz parte do imaginário de Platão. A antropomorfização do princípio divino em ‘deuses’ surge aqui como um requinte literário que serve para uma manifesta aproximação ao fundo cultural da religião tradicional antiga – mas, ainda neste âmbito, o que importa salientar é a inserção propositada por parte de Plotino de uma passagem que em Homero diz respeito à morada de Posídon, deus do mar, e que aqui surge articulada na esteira de esclarecimento sobre a natureza da matéria. Creio que esta associação entre ‘matéria’ e ‘mar’, delicadamente patente no texto plotiniano, se deve directamente à leitura do *Teeteto* em 152e1-9, onde Platão, citando aliás a *Ilíada* (14.201) e um motivo marítimo, coloca Homero entre o conjunto de sábios que alegadamente teria advogado uma teoria fluxista da realidade. Esta subtil associação do mar ao mundo inferior, reproduz-se aliás de forma bem visível mais adiante na sétima referência a Homero na quinta *Enéada*.

5.1.

| Plot., <i>Enn.</i> 5. 5. [32] 8. 3-8. | Hom., <i>Il.</i> , 7. 421. |
|---|---|
| <p>διὸ οὐ χρὴ διώκειν, ἀλλ' ἡσυχῇ μένειν, ἕως ἄν φανῆ, παρασκευάσαντα ἑαυτὸν θεατὴν εἶναι, ὥσπερ ὀφθαλμὸς ἀνατολὰς ἡλίου περιμένει· ὁ δὲ ὑπερφανεὶς τοῦ ὀρίζοντος – <ἐξ ὠκεανοῦ> φασιν οἱ ποιηταί – ἔδωκεν ἑαυτὸν θεάσασθαι τοῖς ὄμμασιν. Οὕτοσι δέ, ὃν μιμεῖται ὁ ἥλιος, ὑπερσχίσει πόθεν; Καὶ τί ὑπερβαλῶν φανήσεται;</p> | <p>Ἥελιος μὲν ἔπειτα νέον προσέβαλλεν ἀρούρας ἐξ ἀκαλαρρεΐταιο βαθυρροῦ Ὤκεανοῖο οὐρανὸν εἰσιανίων· οἱ δ' ἦντεον ἀλλήλοισιν.</p> |

A alusão a Homero neste passo, sob a designação de οἱ ποιηταί caminha no mesmo sentido da que atrás mencionámos. O uso aqui da fonte homérica articula-se com a ideia platónica da associação do poeta às teorias do devir – afinal, a alma deve preparar-se e aguardar com tranquilidade o aparecer

(ὑπερφαινόμεαι) do que está além de toda a entidade sensível ou inteligível: o Bem.

A metáfora construída por Plotino nestas duas passagens ilustra duas coisas: em primeiro lugar, não só a leitura do texto homérico, mas uma experiência pioneira – cumprida posteriormente por Proclo – de reconciliação de Platão com Homero: a ideia de reconhecer em Homero uma passagem onde de facto tal como Platão o referiu, a origem última de todos os entes está associada ao devir, e introduzir em simultâneo uma cirúrgica citação da *Iliada* a propósito da emergência da visão do Uno a partir do mundo inferior, a partir do mar, é sinal de um avanço conceptual inovador e pouco inocente.

Em 5. 1. [10] 3. 1-4, Plotino nega uma afirmação da *Iliada*: enquanto no texto homérico se alude às montanhas e ao mar que obstaculizam uma viagem para Ftia, o texto das *Enéadas* pretende deixar bem explícito que a jornada rumo a Deus não tem demasiadas etapas. A anotação homérica no texto de Plotino deixa bem claro que há, aqui, uma percepção bem clara do contexto de onde o trecho foi retirado e que a figura da ‘viagem’, da ‘jornada’ e daquilo que a medeia, à semelhança da odisseia de Ulisses, é um sustentáculo metafórico poderoso do discurso das *Enéadas*.

5.2.

Em 5. 9. [5] 1. 21-22 o tema da jornada de Ulisses e do seu regresso à pátria é motivo de nova referência:

| Plot., <i>Enn.</i> 5. 9. [5] 1. 16-21. | Hom., <i>Od.</i> , 5. 36-40. |
|--|---|
| <p>Τρίτον δὲ γένος θεῶν ἀνθρώπων δυνάμει τε κρείττονι καὶ ὀξύτητι ὀμμάτων εἶδέ τε ὥσπερ ὑπὸ ὀξυδορκίας τὴν ἄνω αἴγλην καὶ ἦρθη τε ἐκεῖ οἶον ὑπὲρ νεφῶν καὶ τῆς ἐνταῦθα ἀχλύος καὶ ἔμεινεν ἐκεῖ τὰ τῆδε ὑπεριδὸν πάντα ἡσθὲν τῷ τόπῳ ἀληθινῶ καὶ οἰκείῳ ὄντι, ὥσπερ ἐκ πολλῆς <u>πλάνης εἰς πατρίδα εὖνομον ἀφικόμενος</u> <u>ἄνθρωπος.</u></p> | <p>οἶ κέν μιν περὶ κῆρι θεὸν ὦς τιμήσουσι, πέμψουσιν δ' ἐν νηϊ φίλην ἐς πατρίδα γαῖαν, χαλκόν τε χρυσόν τε ἄλις ἐσθῆτά τε δόντες, πόλλ', ὅσ' ἂν οὐδέ ποτε Τροίης ἐξήρατ' Ὀδυσσεύς, εἶ περ ἀπήμων ἦλθε, λαχῶν ἀπὸ ληϊδος αἴσαν.</p> |

A comparação de Plotino é indubitável: ὥσπερ ἄνθρωπος – o homem a que o texto se refere é evidentemente Ulisses. A identificação de Ulisses com a alma humana é um pano de fundo que enquadra estruturalmente as *Enéadas*. Os discursos sobre ‘regresso’ e sobre o ‘reconhecimento’ são, a meu ver, temas fundamentais do panorama filosófico de Plotino e aqui, a comparação específica de Ulisses com um terceiro tipo de homens – que, para além dos

que apenas se reconhecem no mundo prático e nos deleites sensitivos, para além dos que apesar de divididos entre o mundo superior da racionalidade e o devir perseveram na prática da virtude e na escolha entre coisas mundanas, se identificam com aqueles que com uma especial argúcia da visão se elevam acima das coisas na região a que verdadeiramente pertencem –, manifesta bem como as *Enéadas* se aproximam de forma estruturalmente fundamental das duas temáticas elementares da *Odisseia*.

5.3.

As outras cinco referências a Homero, na quinta *Enéada* de Plotino, formam uma constelação de significado. Todas as alusões homéricas se fazem no âmbito de um discurso sobre os deuses – e creio que este aspecto, por si só, não pode ser desconsiderado.

| Plot., <i>Enn.</i> 5. 1. [10] 7. 27-37 | Hom., <i>Il.</i> , 6. 211; 20. 241; 14. 200-204. |
|--|---|
| <p><Ταύτης τοι γενεᾶς> ὁ νοῦς οὗτος ἀξίας νοῦ τοῦ καθαρωτάτου μὴ ἄλλοθεν ἢ ἐκ τῆς πρώτης ἀρχῆς φῦναι, γενόμενον δὲ ἤδη τὰ ὄντα πάντα σὺν αὐτῷ γεννησῆαι, πᾶν μὲν τὸ τῶν ἰδεῶν κάλλος, πάντας δὲ θεοὺς νοητοῦς· πλήρη δὲ ὄντα ὧν ἐγέννησε καὶ ὡσπερ καταπιόντα πάλιν τῷ ἐν αὐτῷ ἔχειν μηδὲ ἐκπεσεῖν εἰς ὕλην μηδὲ τραφῆναι παρὰ τῇ Ῥέα, ὡς τὰ μυστήρια καὶ οἱ μῦθοι οἱ περὶ θεῶν αἰνίττονται Κρόνον μὲν θεὸν σοφώτατον πρὸ τοῦ Δία γενέσθαι ἃ γεννᾷ πάλιν ἐν ἑαυτῷ ἔχειν, ἢ καὶ πλήρης καὶ νοῦς ἐν κόρῳ· μετὰ δὲ ταῦτά φασι Δία γεννᾶν κόρον ἤδη ὄντα· ψυχὴν γὰρ γεννᾷ νοῦς, νοῦς ὧν τέλειος.</p> | <p>ταύτης τοι γενεῆς τε καὶ αἵματος εὐχομαι εἶναι. εἶμι γὰρ ὀψομένη πολυφόρβου πείρατα γαίης, ᾿Ωκεανόν τε θεῶν γένεσιν καὶ μητέρα Τηθύν, οἷ μ' ἐν σφοῖσι δόμοισιν εὖ τρέφον ἠδ' ἀτίταλλον δεξάμενοι Ῥείας, ὅτε τε Κρόνον εὐρύοπα Ζεὺς γαίης νέρθε καθεῖσε καὶ ἀτρυγέτιοι θαλάσσης·</p> |
| Plot., <i>Enn.</i> 5. 3. [49] 17. 28-33. 1 | Hom., <i>Od.</i> , 19. 33-34 |
| <p>Τότε δὲ χρὴ ἑωρακέναι πιστεῦειν, ὅταν ἢ ψυχὴ ἐξαίφνης φῶς λάβῃ· τοῦτο γάρ – [τοῦτο τὸ φῶς] – παρ' αὐτοῦ καὶ αὐτός· καὶ τότε χρὴ νομίζειν παρεῖναι, ὅταν ὡσπερ θεὸς ἄλλος [ὅταν] εἰς οἶκον καλοῦντός τινος ἐλθὼν φωτίσῃ·</p> | <p>πάροιθε δὲ Παλλὰς Ἀθήνη χρῦσεον λύχνον ἔχουσα φάος περικαλλές ἐποίει.</p> |

| | |
|---|--|
| Plot., <i>Enn.</i> 5. 5. [32] 3. 16-24. | Hom., <i>Il.</i>, 1. 544; |
| ὁ δὲ ἐκεῖ βασιλεὺς οὐκ ἄλλοτρίων ἄρχων, ἀλλ' ἔχων τὴν δικαιοσύνην καὶ φύσει ἀρχὴν καὶ τὴν ἀληθῆ βασιλείαν, ἅτε τῆς ἀληθείας βασιλεὺς καὶ ὦν κατὰ φύσιν κύριος τοῦ αὐτοῦ ἀθροῦ γεννήματος καὶ θεοῦ συντάγματος, βασιλεὺς βασιλέως καὶ βασιλέων καὶ <πατὴρ> δικαιότερον ἂν κληθεῖς <θεῶν>, ὃν ὁ Ζεὺς καὶ αὐτῆ ἐμιμήσατο τὴν τοῦ ἑαυτοῦ πατρὸς οὐκ ἀνασχόμενος θεωρίαν, ἀλλὰ τὴν τοῦ προπάτορος οἷον ἐνέργειαν εἰς ὑπόστασιν οὐσίας. | Τὴν δ' ἡμείβετ' ἔπειτα πατὴρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε· |
| Plot., <i>Enn.</i> 5. 8. [31] 3. 24-272. | Hom., <i>Od.</i>, 4. 379; 468. |
| Οὐ γὰρ δὴ ποτὲ μὲν φρονοῦσι, ποτὲ δὲ ἀφραίνουσιν, ἀλλ' αἰεὶ φρονοῦσιν ἐν ἀπαθει τῷ νῶ καὶ στασίμῳ καὶ καθαρῷ καὶ ἴσασιν πάντα καὶ γινώσκουσιν οὐ τὰ ἀνθρώπεια, ἀλλὰ τὰ ἑαυτῶν τὰ θεῖα, καὶ ὅσα νοῦς ὀρᾷ. | ἀλλὰ σύ πέρ μοι εἰπέ, θεοὶ δέ τε πάντα ἴσασιν |
| Plot., <i>Enn.</i> 5. 8. [31] 4. 1-7. | Hom., <i>Il.</i>, 6. 138. |
| καὶ γὰρ τὸ ρεῖα ζῶειν ἐκεῖ – καὶ ἀλήθεια δὲ αὐτοῖς καὶ γενέτειρα καὶ τροφὸς καὶ οὐσία καὶ τροφή, καὶ ὀρώσι τὰ πάντα, <οὐχ> οἷς <γένεσις πρόσεστιν>, ἀλλ' οἷς οὐσία, καὶ ἑαυτοὺς ἐν ἄλλοις διαφανῆ γὰρ πάντα καὶ σκοτεινὸν οὐδὲ ἀντίτυπον οὐδέν, ἀλλὰ πᾶς παντὶ φανερός εἰς τὸ εἶσω καὶ πάντα· φῶς γὰρ φωτί. | τῷ μὲν ἔπειτ' ὀδύσαντο θεοὶ ρεῖα ζῶοντες, καί μιν τυφλὸν ἔθηκε Κρόνου πάϊς· οὐδ' ἄρ' ἔτι δὴν ἦν, ἐπεὶ ἀθανάτοισιν ἀπήχθετο πᾶσι θεοῖσιν· |

As passagens que aqui relevo não devem ser encaradas como se perfizassem um olhar sistemático sobre o papel dos deuses em Plotino; mas o importante a reter é que as cinco passagens agora aqui presentes, e que remetem para Homero, não o fazem por mero acaso. O investimento na direção da religiosidade grega tradicional associada à literatura homérica articula-se aqui com uma ordem de sentido evidente: dar ao leitor um fundamento cultural facilmente reconhecível e com o qual se possa identificar.

Em 5. 1. [10] 7. 27-37, a mítica sucessão hesiódica elaborada na *Teogonia* e evocada por Homero, abre para Plotino um precedente tradicional para que possa esclarecer a sua teoria das hipóstases. A representação antropomórfica do Uno, do Intelecto e da Alma, no plano da mitologia arcaica, é aqui trabalhada por Plotino no sentido de demonstrar a origem genuína da doutrina das três hipóstases. No contexto enunciado pelo filósofo, Zeus representaria a alma, a hipóstase mais inferior, Cronos, o Intelecto e Úrano identificar-se-ia com o

mais transcendente e primeiro princípio: o Uno⁶. Τὰ μυστήρια καὶ οἱ μῦθοι οἱ περὶ θεῶν αἰνίττονται – refere Plotino: aqui, a alusão homérica faz-se com o intuito duplo de por um lado esclarecer os enigmas com que alegada e vulgarmente os mitos se exprimem (Platão, *Rep.*, 332b) e por outro lado de demonstrar a origem ancestral da doutrina proposta pelo filósofo. O texto de Plotino, embora original, desrespeita o contexto mitológico da passagem a que alude, indigitando-lhe um significado simbólico-metafórico que não está presente na épica homérica e que assinala uma imposição hermenêutica artificial e violenta.

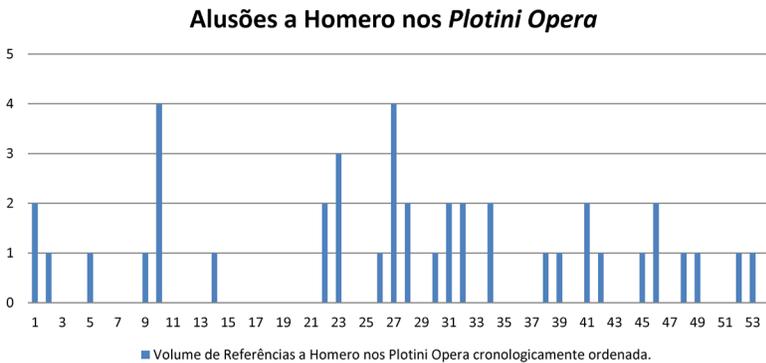
Em 5. 5. [49] 3. 16-24, o que acontece é em tudo semelhante, com a diferença de que é aqui demasiado evidente o intermédio de Platão para que possa ser ignorado: para além da espiritualização do mito, do uso alegórico e simbólico da especulação mítica, a presente passagem parece seguir de perto o diálogo espúrio de Platão, *Minos* em 319a-320b, onde se analisam justamente excertos homéricos da personagem que dá o título à obra, e que assim pretende ilustrar a ideia de uma jornada interior, com claros contornos iniciáticos, acompanhada de uma revelação que é divulgada no regresso: no eixo da obra plotiniana, Zeus é aquele que uma vez em contacto com o deus dos deuses – epíteto aliás colhido do *Timeu* (41a) – é responsável pelo estabelecimento e manutenção da alma na matéria, dando-lhe forma e por conseguinte, uma ordem.

Os dois passos em 5. 8. [31] 3. 24-27 e 5. 8. [31] 4. 1-7 são praticamente seguidos, e apesar de se referirem a textos diferentes da obra homérica, caminham também em conjunto com o mesmo espírito dos trechos que atrás relevámos: ambas desconsiderando o contexto de onde são retirados, o sabor platónico da primeira é, a meu ver, possível de ser vislumbrado, acusando talvez uma recepção da crítica de Platão na *República* (377d-386a) da poesia de Homero e Hesíodo quando estes se ocupam da descrição da vida dos deuses, enquanto o segundo, no quarto parágrafo, corresponde apenas a uma pequena citação da *Ilíada* que além de decorativa, tal como também de resto a primeira, pretende ilustrar, com um fundamento atestado numa autoridade, a perfeição do mundo inteligível e das entidades que o perfazem.

Em 5. 3. [49] 17. 33-40, o leitor está perante o tratamento de uma imagem literária da *Odisseia*; o aproveitamento do imaginário literário homérico traduz novamente aqui uma necessidade de atestar a obra plotiniana com um fundo épico de imagens grandiosas ainda que no âmbito deste hábito

⁶ A referência de Plotino aqui a Homero e por consequência também a Hesíodo é reconhecida Conor Cunningham em *Genealogy of Nihilism*. O autor inglês vê neste passo uma passagem por fundamental da obra plotiniana: ali está alegadamente o eixo espiritual principal que anima todo o edifício meontológico especulativo de Plotino. Cf. Cunningham (2002) 3-4

esteja uma frequente e total desconsideração pelo espírito do contexto original de onde foram retiradas. No presente caso é fácil de reconhecer que enquanto o texto de Plotino trata da ascensão da alma e da sua relação com uma iluminação divina – o que sugere, como Lamberton bem notou⁷, um certo matiz teúrgico –, no caso da *Odisseia*, o contexto remete para o episódio em que Atenas ilumina o caminho de Ulisses na preparação da morte dos pretendentes de Penélope.



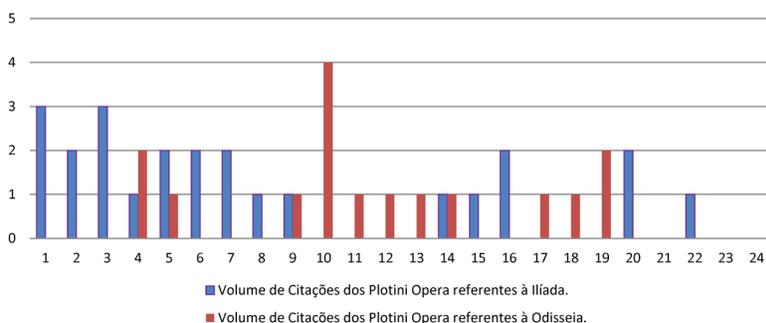
Ao longo deste brevíssimo estudo, as referências a Homero que assinalei foram coligidas segundo a ordem dos textos de Plotino tal qual estes foram reunidos por Porfírio. Numa perspectiva global – e agora aqui introduzindo já um acrescento de trabalho que não pode ser documentado na presente investigação – é importante rever este questão tendo justamente em conta a própria cronologia dos textos tal qual foram escritos. Terá Plotino citado mais Homero no princípio da sua carreira filosófica? Ou pelo contrário, tê-lo-á feito com maior abundância no seu término? Em suma, como estão distribuídas as referências a Homero no *corpus* plotiniano? E inversamente, como estarão distribuídas as referências de Plotino pelo *corpus* homérico?

Os gráficos que estão no documento que distribuí são o resultado desta investigação. Como podem observar pelo acima exposto., a linha que indica o volume de referências a Homero inclina-se tendencialmente para valores mais altos. Homero é citado por Plotino mais vezes para o final da sua vida, do que no princípio; para mim, creio que a haver uma explicação para o facto, talvez esta se prenda fundamentalmente com o amadurecimento da obra plotiniana. Se no início se observam alguns picos de referências homéricas,

⁷ Lambert (1989) 89, n.º 30

tal aspecto talvez se deva a uma inicial vontade e necessidade de veicular as suas ideias, fazendo pontualmente uso da poesia de Homero, mas a partir do tratado n.º 27, essencialmente a meio do *corpus* plotiniano, o poeta torna-se uma presença mais constante no tecido retórico do filósofo. As alusões contínuas ao texto homérico são expressão do adentramento da obra de Plotino na cultura grega arcaica e traduzem um acréscimo de consciência da necessidade premente da integração da sua obra no contexto cultural tradicional da poesia arcaica e na crescente urgência de se estabelecer como um factor de permanência da cultura antiga e como um autor que então recolheria a unanimidade filosófica para já perdida nas querelas filosóficas principais pelos gnósticos ou pelos estóicos. A defesa desta ideologia cultural da continuidade é a principal razão, a meu ver, que obriga à contínua alusão de Plotino ao texto homérico: poesia e mitologia clássica são reinterpretadas e devidamente utilizadas para um reforçar sapiencial artificial da fundação do Neoplatonismo.

Uso dos *Homeri Opera* nos *Plotini Opera*.



Este gráfico descreve o volume de citações relativamente aos livros da *Odisseia* e da *Ilíada*. Através dele não me parece que se entreveja algo de assinalável: as alusões que Plotino colhe dos livros da épica homérica são dispersas e só se concentram ligeiramente no livro K da *Odisseia*. Mesmo aí, as 4 referências recolhidas num só canto, não são, penso, de tal forma relevantes que por si só sejam expressão de algo. Plotino demonstra ter um conhecimento geral da obra homérica; cita-a de forma constante, fazendo um uso disperso mas equilibrado da totalidade do texto sem focar qualquer passagem em particular.

VI. O papel da poesia épica homérica em Plotino é profundo e revelador; tecidas na esteira de um platonismo neoplatónico, as teses plotinianas

firmam-se reclamando uma continuidade especulativa supostamente retraçável até aos dias de Homero. Mitologia e poesia entrelaçam-se numa mistura reflexiva que oferece um piso comum ao pensamento filosófico, teológico e místico plotiniano: reconciliando definitivamente Homero com o pensamento filosófico platonista seu contemporâneo, Plotino efectiva e consolida o que já tinha sido trabalhado pelo platonismo médio com Fílon de Alexandria e Numénio. A introdução no último tratado da sexta *Enéada* de uma alusão a Homero, imediatamente acoplada a uma referência directa ao *Parménides* (138e4) de Platão, resume bem o carácter disto mesmo. Para além do aproveitamento de Homero como uma fonte mitológica – que de resto Heródoto já apontara (*Hist.* 2. 53-54) –, a entrada em cena do poeta na obra plotiniana traduz um restabelecer fundamental da literatura épica arcaica no platonismo e a solidificação reconciliadora que estava desde Platão posta em risco com as suas investidas tanto junto da poesia e da *mitosofia*, como, particularmente, contra Homero. Dispositivos hermenêuticos como a metáfora, a alegoria e a personificação, juntamente, muitas das vezes, com uma forte tendência para a descontextualização do texto homérico, são os principais matizes da forma específica como Homero penetrou na obra plotiniana. Mas talvez a maior influência homérica seja de facto absolutamente indirecta de tal modo que não se possa medir em referências; refiro-me ao tema do *vóστος* e ao estatuto fundante que me parecem ter no seio da obra de Plotino as principais estruturas da temática literária deste género. Aqui, aplicada à metafísica, e fruto de múltiplas interpenetrações de influências culturais várias do médio platonismo mais esconso, temas fortes e estruturantes como a ‘ausência’, a ‘errância’, o ‘reconhecimento’, o ‘regresso’ e a ‘reintegração’⁸ são reinvocados e trabalhados numa perspectiva original, mas que pretendem aqui, com a construção deste mito de uma continuidade sapiencial, reclamar a sua origem na tradição mais profunda da Grécia antiga.

⁸ Esta é na minha opinião a estrutura geral da anatomia da literatura do *vóστος*; penso que se pode comparar com alguma acuidade com o esquema geral da metafísica teológica de Plotino. Para um estudo do esquema geral na literature grega antiga, veja-se: Alexopoulou (2009), 18 19; Frame (1978).

BIBLIOGRAFIA

- ALEXOPOULOU, M., *The Theme of Returning Home in Ancient Greek Literature – The Nostos of the Epic Heroes*, Lewiston/Queenston/Lampeter, Edwin Mellen Press, 2009.
- CILENTO, V., «Mito e poesia nelle Enneadi di Plotini» in *Les Sources de Plotin. Entretiens sur l'antiquité classique*, Vandoeuvres/Geneva, Fondation Hardt, 1957.
- CUNNINGHAM, C., *Genealogy of Nihilism*, London/New York, Routledge, 2002.
- FRAME, D., *The Myth of the Return in Early Greek epic*, New Haven/London, Yale University Press, 1978.
- HENRY, P., SCHWYZER, H.-R., eds., *Plotini opera*, editio minor in 3 vols., Oxford, Clarendon Press, 1964-1982.
- LAMBERTON, R., *Homer the Theologian – Neoplatonist Allegorical Reading and the Growth of the Epic Tradition*, London/Berkeley, University of California Press, 1989.
- WEST, M. L., «The invention of Homer», *CQ* 49/2, 1999, 364-382.